

**“NÃO HÁ PARENTALIDADES PERFEITAS”
– CAMINHOS E DESAFIOS DO DIGITAL NO
DIA A DIA DAS FAMÍLIAS MODERNAS**

Teresa Sofia Castro
teresa.sofia.castro@gmail.com

Cristina Ponte
cristina.ponte@fcsb.unl.pt

FCSH/NOVA, ICNOVA Avenida de Berna, 26-C 1069-061
Lisboa, Portugal

Resumo

Evidências empíricas mais recentes demonstram e reforçam a (omni) presença material e funcional de novos e velhos média nos lares portugueses. A discussão deste capítulo decorre de entrevistas com famílias com contextos socioculturais e demográficos distintos, cujos pais começaram a utilizar a internet e a jogar videogames por volta dos seus treze-catorze anos. Como estão estes novos pais a acomodar os equipamentos móveis, conectados e convergentes, cada vez mais indissociáveis da vida moderna? E como lidam com os desafios daí resultantes?

Sem pretender à generalização, as suas histórias e contextos retratam temas e perspetivas que encontram eco em outros pais que se identificam com as mesmas encruzilhadas: tempo de ecrã, conteúdos que as crianças apreciam, motivações e envolvimento das famílias nos usos dos ecrãs, estratégias de mediação parental, reflexões e inconsistências dessa mediação e a agência das crianças são alguns dos temas a que dão voz.

Contrariando expectativas, as intervenções parentais continuam fortemente influenciadas por debates clássicos e são reveladoras do que ainda há por fazer no sentido de empoderar as famílias a tirarem partido deste novo mundo de possibilidades.

O recorte de dados analisados faz parte do primeiro estudo longitudinal de natureza qualitativa envolvendo famílias com crianças menores de oito anos.

Palavras-chave: Mediação parental, tecnologias digitais, crianças 0-8, YouTube.

Introdução

Dentro da temática *crianças, famílias e tecnologias*, este capítulo dirige o olhar para desafios que põem em causa direitos da criança e para caminhos de acomodação e uso de recursos digitais em contexto doméstico, no dia a dia. Através das tecnologias, o espaço doméstico adequou-se a uma realidade tecnológica mais sofisticada, assim como a agência dos mais novos e as interações entre os membros da família mediadas pelas relações que criam com esses objetos.

Evidências empíricas mais recentes demonstram e reforçam a (omni) presença material e funcional de novos e velhos média nos lares portugueses e nas rotinas diárias de pais e filhos, sejam elas autónomas ou conjuntas, dentro ou fora de casa, influenciando padrões de apropriação e uso, interações, mediações e dinâmicas (cf. Chaudron, Di Gio & Gemo, 2018; Dias & Brito, 2016; Ponte, Simões, Batista, Castro & Jorge, 2017). Novas gerações de pais – que começaram a tirar partido do digital e da internet na adolescência – e de crianças – que nasceram numa paisagem já amplamente marcada pela inovação e pelo consumo de tecnologia digital, que acomodam desde cedo nas suas vidas – marcam o tom deste capítulo que se apoia em dados provisórios do estudo *Famílias iTec*.

Sendo este o primeiro estudo longitudinal nacional envolvendo famílias portuguesas com crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 8 anos, as características sociodemográficas dos lares e circunstâncias da família, nomeadamente o rendimento, rotinas, horários, configuração da casa e as percepções que os pais usam para interpretar a realidade envolvente, ajudam a dar sentido às suas narrativas e às suas estratégias de intermediação parental (Gee, Takeuchi & Wartella, 2018; Hoover, Clark & Alters, 2004; Zaman, Vanattenhoven, De Ferrerre & Looy, 2016).

Como estão os novos pais, que aprenderam a falar a linguagem digital na sua adolescência, a acomodar os equipamentos móveis, conectados e convergentes, cada vez mais indissociáveis da vida moderna? E como lidam com os desafios daí resultantes?

De modo a estimular o debate sobre crianças e tecnologia no contexto familiar, este capítulo tem por sustentáculo as vozes de pais de quatro famílias de características distintas. Sem pretender à generalização, pequenos trechos das suas narrativas e contextos seguem uma estrutura encadeada que retrata temas e perspetivas comuns a outras vidas familiares que vivem em tempos de mediatização profunda (Hepp & Hasebrink, 2017) e que certamente encontram eco em outros pais que se identificam com as mesmas encruzilhadas.

Famílias iTec: objetivos e métodos

O objetivo central do estudo *Famílias iTec*, onde se inserem os conteúdos aqui apresentados, consiste em obter uma compreensão holística e empiricamente fundamentada de como famílias portuguesas com crianças menores de 8 anos estão a socializar as suas crianças para o uso das tecnologias digitais e a acompanhar esses acessos e usos no contexto doméstico. Para tal são considerados os vetores biográficos, demográficos, económicos, sociais e culturais que as diferenciam, numa perspetiva não só longitudinal mas também ecológica (Bronfenbrenner, 1979). Esta pesquisa, que assenta num modelo social-construtivista de desenho qualitativo, pressupõe triangulação de métodos, de dados e de teorias para minimizar os efeitos de unilateralidade e distorção na interpretação dos dados.

O acesso a famílias com crianças com menos de 8 anos envolveu divulgação com apelo à participação voluntária, disseminada por contactos pessoais, via e-mail. A seleção das famílias, após preenchimento de um formulário online, foi feita de modo a garantir diversidade quanto à idade e sexo das crianças, estruturas e composições dos agregados e indicadores de caracterização socioeconómico (ver tabela 1). O consentimento informado foi recolhido em formulário próprio na primeira visita e negociado a cada nova visita, tal como o assentimento da(s) criança(s) participantes. O enquadramento ético que orienta este estudo segue os parâmetros aplicados na investigação da rede *EU Kids Online*. As identificações reais das famílias foram substituídas por pseudónimos e as informações pessoais ocultadas nas transcrições.

O material empírico que integra este capítulo provém de entrevistas semiestruturadas realizadas entre dezembro de 2017 e julho de 2018. O guião de entrevista incluiu questões sobre as rotinas da(s) criança(s), os equipamentos digitais existentes em casa e acesso pela(s) criança(s), considerações dos pais sobre socialização para o uso dos velhos e novos média, hábitos mediáticos, percepções sobre acesso, posse e uso, mediação e regras, oportunidades e riscos, parentalidade e infância, informação demográfica sobre os pais (e filhos com idade superior a 8 anos) e a sua experiência relativamente às tecnologias modernas.

Por velhos e novos média referimo-nos à definição alargada inspirada em Gee, Takeuchi e Wartella (2018) que inclui os telemóveis, smartphones, tablets, portátil, computador de secretária, DVD, video streaming, jogos digitais, websites, redes sociais, livros, cinema, televisão e rádio.

De acordo com os limites cronológicos definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), isto é, entre os 10 e os 19 anos.

Pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref.ª SFRH/BPD/116279/2016)

Crianças, famílias e Tecnologias: estilos e contextos

Para refletir sobre a utilização das tecnologias em contexto doméstico por parte de crianças mais novas, este texto parte de dados provenientes de quatro primeiras entrevistas com famílias com contextos socioculturais e demográficos distintos, mas cujos pais começaram a utilizar a internet e a jogar videojogos na sua adolescência, por volta dos 13/14 anos.

Tabela 1.

Caracterização das famílias em análise

Família	Pai	Mãe	Filho/a 1	Filho/a 2
Alves	29 anos, trabalhador-estudante (lojista)	33 anos, professora	Afonso, 22 meses	—
Dantas	36 anos, diretor	34 anos, investigadora	Diana, 4 anos	Daniela, 4 meses
Freitas	33 anos, técnico de áudio-visual	34 anos, economista freelancer	Frederico, 3 anos	—
Pires	34 anos, operário fabril	31 anos, desempregada	Pedro, 6 anos	Pilar, 14 meses

A seleção de estas quatro famílias prende-se ainda com o facto de as mães terem tido o primeiro filho entre os 25 e os 31 anos (valores da média nacional situam o primeiro filho aos 30 anos, (PORDATA, 2017) e porque traduzem novos tipos de família e relacionamentos. Os fluxos de migração que fazem de Portugal um país de emigrantes e de imigração: três pais são naturais de Cabo Verde, Brasil e França; um pai e as quatro mães são de nacionalidade portuguesa. Espelhando sinais dos tempos, uma família é monoparental e das três nucleares, uma assenta em união de facto.

No total, seis crianças (três rapazes e três raparigas) compõem estes agregados com idades entre os quatro meses e os seis anos.

Das entrevistas com as famílias sobressaem temas, como o tempo de ecrã, conteúdos que as crianças apreciam, motivações e envolvimento das famílias nos usos dos ecrãs, estratégias de mediação parental, reflexões e inconsistências dessa mediação, a agência das crianças. Segue-se uma pequena apresentação dos temas que mais sobressaíram de cada uma dessas conversas.

“Não quero que ele fique atrás dos miúdos da idade dele”

Os pais (mãe, 33 anos; pai, 29 anos) do Afonso (22 meses) estão separados desde os seus seis meses de idade. Ele vive com a mãe e está com o pai quase todos os dias. A mãe é professora e o pai é trabalhador-estudante. Em casa do Afonso raramente a televisão é ligada (“não ligo todos os dias, nem todas as semanas”) e, por isso, a mãe não sabe nomear canais ou programas infantis.

No dia a dia, as rotinas digitais do Afonso, quando está com a mãe, giram à volta das tecnologias móveis. O tablet “normalmente, está na cadeira de refeição” do Afonso, e embora ele não tenha acesso ao dispositivo quando quer, este objeto acaba por ser indispensável, porque “é uma forma de ele comer”. Sendo uma mãe que passa uma boa parte do dia fora de casa, no exercício da sua profissão, procura ter momentos para interagir com o filho. Na hora da refeição, o Afonso segue as indicações da mãe: “põe música, filho”, “onde está o cão?”. Habilmente, o Afonso reconhece e abre a aplicação do YouTube e, a partir daí, “ele próprio já escolhe o que quer ver”. Vê os videoclips de que gosta “muitas, muitas, muitas vezes”, como uns “com seis milhões de visualizações” em que crianças “fazem montes de disparates” e que o “sobrinho também descobriu”. A mãe sabe o que o filho gosta de ver no canal de vídeo e ele sustenta a interação com a mãe: “é menina”. A mãe tem a preocupação de não o deixar muito tempo em frente ao ecrã, mas a seguir acrescenta que o “tempo é relativo”, quando por exemplo, usam o dispositivo para se filmarem ou como rádio para ouvirem música e divertirem-se a dançar.

Depois de jantar, mãe e filho brincam com puzzles ou fazem de conta que cozinham. Antes de dormir não pode faltar o livro impresso, onde aprende a identificar animais ou a repetir palavras. O tablet estimula outras aprendizagens que a mãe considera fundamentais para que ele acompanhe os tempos e não “fique atrás dos miúdos da idade dele”, como saber “carregar no ecrã touch” e “ouvir e responder à voz do tablet”. Além disso, o tablet ajuda a manter o Afonso em segurança, de manhã, enquanto se preparam para sair: “eu tomo banho muito mais descansada do que se ele andar pela casa... porque nós vivemos sozinhos.”

“Não há parentalidades perfeitas”

A televisão é o ecrã que junta as gerações da família Dantas. Está sempre ligada nem que seja como ruído de fundo. Como brinca o pai (36 anos, diretor): “até o gato vê televisão”.

Pai e mãe (34 anos, investigadora) têm “formas diferentes de lidar com a tecnologia”: ele “é mais conservador”, tira o som ao telemóvel da esposa e acha que “os miúdos têm muitas coisas, muito cedo”; ela é “capaz de responder a um e-mail no meio da refeição”. Este contraste manifesta-se na forma como gerem as tecnologias com a Diana (4 anos). “As exceções são mais comigo”, afirma a mãe. Já o pai assegura que a Diana “nem se apercebe do que é o YouTube”, porque, quando esporadicamente lhe mostra um vídeo, transmite do smartphone diretamente para a televisão “sem lhe dar controlo”. A mãe acha que esta estratégia do pai é “interessante”, mas em tempos, ficou “maravilhada” quando deu conta de como era fácil pôr a filha a comer com a ajuda do tablet.

Contudo, a Diana rapidamente “começou com o dedito” a explorar o YouTube e saltava para conteúdos que os pais não aprovavam:

“desembrulhar ovos Kinder” e “pessoas a fazer de mascarados”. Um dia atirou o tablet ao chão, foi a oportunidade que os pais agarraram para quebrar um “ciclo que é um pouco vicioso” e um problema que adia-vam, “porque sabemos que se retiramos, nesse dia, ela não vai comer”. O problema foi contornado pela pequena Diana, substituindo o tablet pela televisão: “e ela [agora] come a ver televisão”. Face a novas paisagens digitais, os próprios pais vão experimentando e ajustando estratégias de modo a encontrarem o que melhor se ajusta à sua expectativa de família. No final, a mãe desabafa: “não há parentalidades perfeitas. Uma pessoa tenta sobreviver.”

A filha mais nova do casal, a Daniela (4 meses) ainda não é alvo deste tipo de preocupações e o que tiram do que têm aprendido como pais é que “ela tadinha, não vai ter tablet” [risos].

“Às vezes eles ficam mais inquietos nos ecrãs e eu sou contra isso”

A família Freitas tem preocupações ecológicas, fazem reciclagem, não são adeptos do consumismo e evitam a interferência dos ecrãs nas rotinas quotidianas. Ainda não sabem como vão incluir as tecnologias na vida do Frederico (3 anos): “por não usarmos uma coisa, não quer dizer que ele não vá usar”. E, para já, não estimulam o uso, até porque “o trabalho é todo em ecrã” (mãe, 34 anos, economista freelancer; pai, 33 anos técnico de audiovisual). Não têm serviço de TV por Cabo, embora apanhem o canal Panda, se não apanhassem “azar”. Não têm Wi-Fi, acedem à internet móvel a partir da conta dos pais da mãe, que é suficiente para emails de trabalho. A mãe está grávida, mas ainda se desloca de bicicleta e esta é uma atividade (entre outras ao ar livre, quando o tempo permite) que gosta de partilhar com o Frederico.

Para já, a rotina dos ecrãs na vida do Frederico fica a cargo dos avós, ao final da tarde, depois do jardim de infância. Com o avô vê vídeos no YouTube “relacionados com aviões ou comboios que é o que ele gosta”, como “Bob, o trem”. A mãe não consegue especificar porque: “nunca vi com muita atenção, confesso [e] eu não sei pôr”. Para além disso, tem um tempo em que “fica a ver a caixa” (televisão), no canal Panda.

Em casa, o jantar é sem ecrãs, porque o Frederico está numa fase que demora muito a comer e a mãe quer que “ele coma sozinho, sem ajuda”. A televisão quase só é ligada quando o Frederico pede para ver um pouco de desenhos animados que “se não é todos os dias, é quase”. Embora considere que os conteúdos do canal 2 têm mais qualidade, “não é o que ele gosta” e, por isso, assiste à Patrulha Pata. Depois desse momento de final de tarde, “não há mais ecrãs”, porque depois de ver televisão, o Frederico fica “inquieto” e “irritadiço”. Os pais preferem manter as rotinas sem ecrãs, optando por ouvir música e ler.

Fora de casa, “carrinhos pequenos, um bloco e lápis de cor” é ao que recorrem quando é preciso distrair o menino. Já em viagens de carro ou de

avião, o ecrã, confessam: “ajuda muito”.

“É uma maneira de nós estarmos com ele”

Apesar dos recursos económicos limitados (mãe, 31 anos, desempregada; pai, 34 anos operário numa fábrica), a família Pires considera que é importante criar condições para os filhos “descobrir[em] o mundo”, seja através de passeios, idas ao cinema, exposições ou através dos jogos, filmes e documentários:

Mãe: Teve uma fase que só queria ver dinossauros. Mas à conta disso, aprende. Como é que eles foram extintos. O nome dos dinossauros. Como é que os dinossauros foram extintos?

Pai: Anda lá.

Pedro: Por um asteroide.

Mãe: Como é que se chama o dinossauro que tu gostas muito?

Pedro: Reeex.

Mãe: Mas há mais. Como é que se chama o das asas?

Pedro: Pterodactyl.

Mãe: E foi à custa de o levarmos, aos três anos, a uma exposição de dinossauros, no Porto.

Em casa, a maior parte das rotinas e interações acontecem à volta dos ecrãs, em particular, a Smart TV que têm na sala, onde jogam videojogos com o filho mais velho (Pedro, 6 anos): “é uma maneira de nós estarmos com ele”. Enquanto isso a irmã mais nova (Pilar, 14 meses) assiste animada do parque acomodado no centro da sala: “ela adora vê-lo jogar PlayStation”. Apesar de controlarem o acesso, já se deram conta da influência de Pilar ver o irmão no YouTube, porque a menina já tenta “passar o dedo” no ecrã. Durante a entrevista fica a sensação de que o Pedro tem acesso quando quer à televisão e aos smartphones dos adultos, mas os pais asseguram que há regras bem definidas no que toca a conteúdos, tempo e acesso, até porque no “YouTube há de tudo” e quando ele se porta mal, é nestas benesses que o pai “cort[a] radical”.

Os pais foram gamers na sua adolescência, mas na sua perspetiva, “antigamente era diferente” podiam estar “um dia inteiro em frente à televisão e depois o resto da semana, íamos lá para fora jogar bicicleta ou jogar futebol”. Por essa razão, quando o Pedro pediu uma PlayStation, a mãe durante muito tempo foi contra, porque não quer que ele fique “viciado”. Porém, reconhecem que “dá imenso jeito”, quando, por exemplo,

o pai trabalha de noite e precisa de dormir de dia: “o miúdo fica aqui [na sala], fecha a porta”.

O Pedro sabe ligar a PlayStation, mas apenas o faz sozinho, quando autorizado. Embora exista na sala uma larga coleção de jogos adequados à idade dele, o GTA (para maiores de 18 anos), que descobriu com o padrinho, é o seu preferido. Os pais não aprovam, porque “é um jogo que não é para ele”, “altera-lhe a cabeça... fica mais enervado, mais respondão e também tem pesadelos”. Mas, “de longe a longe”, “se ele se portar bem”, deixam jogar. Sendo eles também jogadores compreendem o estímulo que move o Pedro a querer se superar e a fazer “missões” para “chegar ao fim do jogo”. E, por isso, às vezes os pais têm que lhe dizer: “desliga isso” ou tirar-lhe a PlayStation quando revela “mau perder”.

No que toca a controlos parentais, é a mãe que se mantém informada sobre o assunto, ajuda o Pedro nas dificuldades técnicas e gere os registos e perfis de jogador: “quem tem as passwords e acesso para mexer em tudo e mais alguma coisa e fazer alterações à PlayStation, sou eu”.

O tempo de televisão da família é à volta do Disney Júnior, de filmes e séries, não porque o Pedro monopolize a televisão, mas porque no telejornal “só dá política e futebol”.

Considerações

Querem ser vistos como pais modernos que acompanham os tempos e não querem que os seus filhos fiquem para trás nas oportunidades que o digital promete. Numa lógica da faca de dois gumes que marca os contextos contemporâneos (Giddens, 1990), mesmo os pais mais relutantes acabam por se render às “oportunidades, prazeres e conveniências” (Blum-Ross & Livingstone, no prelo) dos ecrãs e das aplicações que os auxiliam no exercício diário da sua parentalidade (Elias & Sulkin, 2017), em particular na hora da refeição ou fora de casa para manter os filhos entretidos ou ocupados.

Com uma paisagem digital que muda rapidamente, serem os facilitadores, mentores e guardiões (Broekman, Piotrowski, Beentjes, Valkenburg, 2018) desse acesso e uso, é uma responsabilidade que reclama dos pais abordagens e estratégias digitalmente competentes, capacitantes e flexíveis que possam ir ao encontro das expectativas e direitos dos filhos e dos pais, sem esquecer desafios ampliados pelos média digitais (Blum-Ross & Livingstone, 2016; Livingstone, Ólafsson, Helsper, Lupiáñez-Villanueva, Veltri & Folkvord, 2017). Contudo, as suas intervenções parentais continuam a ser fortemente influenciadas pelos debates clássicos das tecnologias e da infância e replicam preocupações com o tempo de ecrãs, riscos da autonomia no acesso, conteúdos desadequados, possibilidade de vício e de perturbações de comportamento.

Querem ser bons pais e querem o melhor para os seus filhos, mas as suas falas, por vezes inconsistentes e em busca de validação, são reveladoras das suas necessidades em encontrarem respostas que equacionem também os direitos das crianças e que respeitem os seus valores, empoderando-as a tirarem partido deste novo mundo de possibilidades.

Referências

Blum-Ross, A., & Livingstone, S. (no prelo). The trouble with 'screen time' rules. In Mascheroni, G., Ponte, C., & Jorge, A. *Digital Parenting*. NORDICOM Yearbook 2018.

Blum-Ross, A., & Livingstone, S. (2016). *Families and screen time: Current advice and emerging research*. Media Policy Brief 17. London: Media Policy Project, London School of Economics and Political Science.

Broekman, F. L., Piotrowski, J. T., & Beentjes, H. W. J. (2018). App features that fulfill parents' needs in apps for children. *Mobile Media & Communication*, 1–23. DOI: 10.1177/2050157918759571

Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Chaudron, S., Di Gioia, R., & Gemo, M. (2018) *Young children (0–8) and digital technology: A qualitative study across Europe*. EUR 29070: Joint Research Centre. doi: 10.2760/294383

Dias, P., & Brito, R. (2016). *Crianças (0-8 anos) e tecnologias digitais. Um estudo qualitativo exploratório*. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Católica

Elias, N., & Sulkin, I. (2017). YouTube viewers in diapers: An exploration of factors associated with amount of toddlers' online viewing. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(3), article 2. <https://dx.doi.org/10.5817/CP2017-3-2>

Gee, E., Takeuchi, L. M., & Wartella, E. (2018). *Children and Families in the Digital Age*. New York: Routledge.

Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. UK: Polity Press.
Hepp, A., & Hasebrink, U. (2017). Researching Transforming Communications in Times of Deep Mediatization: A Figurational Approach. In Hepp, A., Breiter, A., & Hasebrink, U. (Eds.). *Communicative Figurations: Transforming Communications in Times of Deep Mediatization* (pp. 15-50). Germany: Palgrave MacMillan.

Hoover, S. M., Clark, L. S., & Alters, D. F. (2004). *Media, Home and Family*. Great Britain: Routledge.

Livingstone, S., Ólafsson, K., Helsper, E.J., Lupiáñez-Villanueva, F., Veltri, G. A., & Folkvord, F. (2017). "Maximizing Opportunities and minimizing risks for children online: The role of digital skills in emerging strategies of parental mediation". *Journal of Communication*, 67(1), 82-105. doi:10.1111/jcom.12277

Ponte, C., Simões, J. A., Batista, S., Castro, T. S., & Jorge, A. (2017). *Crescendo entre ecrãs: uso de meios eletrónicos por crianças (3-8 anos)*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social. [eBook]. Retirado de <http://www.erc.pt/documentos/Crescendoentreecras/files/downloads/crescendo-entre-ecras.pdf>.

PORDATA (2017). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+da+m%C3%A3e+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>

Zaman, B., Vanattenhoven, J., De Ferrerre, E., & van Looy, J. (2016). "A qualitative inquiry into the contextualized parental mediation practices of young children's digital media use at home. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 60(1), 1-22. DOI: 10.1080/08838151.2015.1127240